

# A visão de João Paulo II: “O Islã invadirá a Europa”



## Cristo Nihil Praeponere

“Vejo a Igreja do terceiro milênio aflagida por uma praga mortal. Chama-se Islã. Invadirão a Europa. Vi hordas marcharem do Ocidente para o Oriente, do Marrocos para a Líbia, do Egito para os países orientais”. **Esta é a chocante visão de São João Paulo II, até agora desconhecida do público.** Mons. Mauro Longhi, sacerdote da Prelazia do *Opus Dei*, testemunha de uma confissão destinada a provocar convulsões, **esteve muitas vezes em contato pessoal com o Papa polonês** durante o seu longo pontificado. Ele tornou público o episódio no *Eremo dei Santi Pietro e Paolo*, em Bienno (norte da Itália), durante uma conferência organizada para celebrar João Paulo II, aos 22 de outubro, dia em que a Igreja celebra a memória litúrgica do santo.

Para fazer os devidos esclarecimentos e dar o contexto da visão profética de Karol Wojtyła, **relatada por um sacerdote acima de toda suspeita** (Mons. Longhi gozou da estima pessoal não só de João Paulo II, mas também de Bento XVI, a ponto de

ter sido chamado, em 1997, para integrar o Dicastério da Congregação para o Clero), é preciso fazer algumas referências geográficas e cronológicas.

Entre 1985 e 1995, o jovem economista da Universidade milanesa Luigi Bocconi, Mauro Longhi (ordenado sacerdote em 1995), **acompanhou e hospedou regularmente**, de quatro a cinco vezes por ano ao longo de uma década, **o Papa Wojtyła em seus famosos passeios de esqui pelas montanhas**. Mons. Longhi o hospedava no que hoje em dia corresponde à casa de veraneio do Seminário Internacional da Prelazia do *Opus Dei*; na época, porém, tratava-se de uma simples casa de campo, reservada aos membros da Obra em preparação para o sacerdócio e o ensino de teologia. Encontramo-nos na província de Áquila, na direção de Piana delle Rocche, fração do Ocre:

“O Santo Padre saía de Roma de forma bem discreta, acompanhado geralmente de outro carro, o de seu secretário, Mons. Stanislaw Dziwisz, ou de algum outro amigo polonês. **Ao chegar ao pedágio da rodovia**, o único lugar em que poderia ser reconhecido, **ele costumava fingir uma leitura escondendo-se atrás do jornal**”.

Assim começou a conferência de Mons. Longhi, dando início a uma série infinita de histórias interessantíssimas (quase sempre acompanhadas, já que contadas por um zeloso pastor, das oportunas explicações teológicas).

Mas **foi sem dúvida nenhuma com o Karol Wojtyła místico**, com o pouquíssimo que se sabe – secreto e misterioso – acerca do grande protagonista de um dos mais longos pontificados da história da Igreja, **que Mons. Longhi entreteve os que subiram a Bienno com o fim de participar do evento**. Trata-se do Papa que Mons. Longhi encontrou à noite, na capela da casa da montanha, **ajoelhado por horas num banco de madeira desconfortável em frente ao Tabernáculo**. É o Papa a quem surpreendia, sempre de noite, falando, às vezes com entusiasmo, com o Senhor ou sua amada Mãe, a Virgem Maria.

Para investigar o místico Karol Wojtyła, Mons. Longhi contou o que certa vez lhe confidenciara Andrzej Deskur, cardeal polaco que foi companheiro de João Paulo II no seminário clandestino de Cracóvia:

**“Ele tem o dom da visão”,** confidenciou-me Andrzej Deskur. Perguntei-lhe então o que isso queria dizer. **“Ele fala com Jesus, Deus encarnado; vê-lhe o rosto e também o de sua Mãe”.** Desde quando? **“Desde a sua primeira Missa, no dia 2 de novembro de 1946, durante a elevação da hóstia.** Ele estava na cripta de São Leonardo, na Catedral de Wawel, em Cracóvia, onde celebrou sua primeira Missa, oferecida em sufrágio pela alma de seu pai”.

Mons. Longhi acrescenta que o segredo revelado pelo cardeal Deskur – aqueles olhos de Deus que se fixam em Wojtyła cada vez que se levantam o cálice e a hóstia – pode ser entendido lendo-se a última Encíclica de João Paulo II, *Ecclesia de Eucharistia*. No número 59 da conclusão, o Papa polonês recorda sua primeira Missa e **acaba por revelar o mistério que o acompanhou durante toda a vida:** “Meus olhos concentram-se sobre a hóstia e sobre o cálice onde o tempo e o espaço de certo modo estão ‘contraídos’ e **o drama do Gólgota é representado ao vivo, desvendando a sua misteriosa ‘contemporaneidade’”.**

Entre os muitos relatos de Mons. Longhi, porém, **o que mais impactou seus ouvintes,** e que se insere numa das tantas caminhadas pelo Maciço do Gran Sasso, **é sem dúvida o que se refere ao Islã e à Europa.** Naquela ocasião, o Santo Padre e Mons. Longhi, evidentemente mais ligeiros que os outros, haviam-se separado do grupo. O testemunho de Mons. Longhi (com sua referência à proximidade da terrível visão mística do Papa) merece, portanto, ser conhecido na íntegra. Sua conferência está disponível no vídeo acima (a partir do minuto 48 pode-se ouvir o relato de que falamos aqui).

**Os dois estão encostados numa rocha, um de frente para o**

**outro**, comendo um sanduíche e esperando a chegada do grupo. Eis textualmente o relato do Mons.:

Olhei para ele pensando que talvez precisasse de algo; ele percebeu que eu o fitava enquanto sua mão tremia: **era o início do Parkinson**. “Meu caro Mauro, é a velhice”, disse-me. Respondi-lhe: “Não, Santidade, o senhor ainda é jovem”. Quando o contradizia assim em nossas conversas familiares, ele ficava furioso: **“Não é verdade! Se digo que estou velho é porque estou velho!”**.

Segundo o Mons., foi precisamente o passar do tempo e o início da doença que levaram o Papa polonês a sentir a urgente necessidade de comunicar a alguém aquela visão mística.

Wojtyla mudou então o tom de voz e, confiando-me uma de suas visões noturnas, disse: “Lembre-o aos que você encontrará na Igreja do terceiro milênio: **vejo a Igreja afligida por uma praga mortal, mais profunda, mais dolorosa do que a deste milênio**”, disse-o em referência ao comunismo e ao nazismo. **“Chama-se islamismo. Invadirão a Europa**. Vi hordas marcharem do Ocidente para o Oriente”, e descreveu-me um a um os países, do Marrocos à Líbia e daí ao Egito, até chegar ao Oriente.

O Santo Padre acrescentou: “Invadirão a Europa, a Europa será arruinada, uma sombra do que foi outrora, como uma lembrança de família. **Vocês, Igreja do terceiro milênio, têm o dever de conter esta invasão**. Mas não com armas: elas não são suficientes; **antes, com a sua fé, vivida integralmente**”.

Eis o precioso testemunho de alguém que durante anos esteve em contato direto e estreito com o Santo Padre, com quem concelebrou inúmeras vezes. Não é preciso ressaltar que **a confissão do Papa Wojtyla remonta a março de 1993**, há vinte e quatro anos, **quando a presença islâmica na Europa era, social e numericamente, muito diferente**.

Não é por acaso que na hoje em dia tão esquecida Exortação Apostólica *Ecclesia in Europa*, de 2003, João Paulo II falava

claramente de uma relação com o Islã que deveria ser, ao mesmo tempo, “correta”, conduzida com “prudência, com clareza de ideias acerca das suas possibilidades e dos seus limites” (n. 57). Apesar da linguagem típica de um documento magisterial, sóbrio e contido por natureza, **o Santo Padre parecia implorar que os cristãos conhecessem “de modo objetivo o islamismo”** (n. 57).

Trata-se, portanto, de **um paradigma e uma sensibilidade claras e inequívocas**, sobretudo quando se considera outro trecho da Exortação *Ecclesia in Europa*, no qual o Papa Wojtyła, após estigmatizar “o sentimento de frustração dos cristãos que acolhem, por exemplo na Europa, crentes de outras religiões dando-lhes a possibilidade de exercerem o seu culto, e [...] **se vêem proibidos de exercer o culto cristão nos países onde tais crentes são a maioria**” (n. 57), afirma a respeito dos fluxos migratórios ser imprescindível “a firme repressão dos abusos” (n. 101).

**Estamos diante de uma leitura politicamente incorreta do Islã**, feita aliás por um Papa canonizado pela Igreja Católica: uma leitura “profética”, num primeiro momento, convertida depois em ensinamento magisterial (não é difícil imaginar que aquela chocante visão o tenha influenciado na hora de escrever a Exortação *Ecclesia in Europa*). “Seremos invadidos pelo Islã”. E talvez já o estejamos sendo. **Enquanto isso, de modo inexorável, vai-se apagando a luz da Europa, reduzida a pó e recordações**. “Karol, o Grande Papa”, alertou-nos e ainda hoje nos convida a resistir à invasão com uma fé vivida na sua integridade.

**Fonte:**